

A night sky with a green aurora borealis over a snowy landscape. The aurora is a vibrant green, shimmering light that curves across the sky. The ground is covered in snow, and the sky is dark with some stars visible. The overall scene is serene and beautiful.

ELO



# Elo

PUC-Rio / Departamento de Artes e Design; 2021.1

Aluno: Lucas Campbell Barbato

Orientação: Rita Couto e Cadu Costa

## Agradecimentos

Durante o desenvolvimento desde projeto tive o privilégio de poder contar com a ajuda de algumas pessoas, além dos orientadores, cujos nomes não poderiam faltar neste documento:

Marcos Barbato; Erica Campbell; João Paulo Pereira; Theo Cunha; Kelly Barbato; Eduardo da Matta; Cecilia Quental; Raphael Ferreira; Isabella Valois; Alberto Aguinaga; Tom Goldman; Miguel Countinho; Cadu Libonati

# Sumário

Introdução.....	4
Proposta .....	5
Contextualizando: O Holoceno .....	6
Contextualizando: O que aconteceu com a Terra .....	8
Contextualizando: O que fazer? .....	11
Premissas .....	14
Sobre os impactos ambientais da fotografia .....	15
Recursos Técnicos .....	25
Referências Visuais: .....	25
Metodologia: O Designer-Fotógrafo .....	28
Execução:Imersão.....	30
Execução:Intensão.....	37
Desenvolvendo as composições .....	43
Conexão .....	47
Desconexão .....	49
Reconexão .....	52
Outras Páginas .....	55
Etapa Final .....	57
Produto Finalizado .....	60
Conclusão .....	62
Bibliografia .....	63

# Introdução

Desde que comecei a faculdade tento incluir a fotografia em meus projetos, com o intuito de evoluir habilidades nessa prática. Por mais que tenha conseguido em algumas ocasiões, senti que precisava de mais liberdade para me expressar na área. Em paralelo à minha vontade de explorar a imagem técnica seriada, tenho uma crescente preocupação com o meio ambiente e o que acontecerá com o planeta se continuarmos vivendo da maneira que vivemos. Decidi assim, que esse projeto trataria de fotografar a relação entre seres humanos, outros animais e a Terra.





# Proposta

O projeto consiste em composições fotográficas sobre como nos relacionamos com outros animais e o ambiente. Chamo de *mundo natural* tudo aquilo que sobrevive apesar da interferência humana no planeta, ou do antropoceno. Desde animais selvagens e da pecuária, até paisagens onde a presença humana não se sobrepõe à natureza.

## Propósito:

O objetivo desse projeto é reafirmar que nossa espécie pertence à Terra e não o oposto. Busco conscientizar o público sobre o nosso estilo de vida moderno e seus impactos reaproximando-nos do mundo natural e sua biodiversidade.



# Contextualizando

## O Holoceno

A história do nosso planeta e da vida que o habita é de constante e lenta mudança. Ao longo dos seus bilhões de anos, a Terra foi o palco para o surgimento de diversas formas de vida, cada uma mais complexa e bem sucedida que a anterior.

É um longo e árduo processo, no qual espécies se desenvolvem e evoluem, até que sejam extintas por alguma razão, forçando a vida a se reconstruir.

Sabemos de 5 eventos de extinção em massa nos 4,5 bilhões de anos do planeta. O último deles, foi o que trouxe o fim da era dos dinossauros e o extermínio de 75% de todas as espécies da época.





Em um trecho de “Nosso Planeta”, David Attenborough explica brevemente como algumas espécies e habitats interagem para manter a harmonia do globo:

“Fitoplâncton na superfície do oceano e imensas florestas ao norte ajudaram a equilibrar a atmosfera, retendo carbono. Grandes manadas em planícies, mantiveram os pastos ricos e produtivos, fertilizando os solos. Manguezais e recifes de corais em milhares de quilômetros de costa abrigaram viveiros de espécies de peixe que, quando adultos, partem para águas abertas. Um cinturão de selvas ao redor do Equador, empilhou planta em cima de planta, para captar o máximo da energia solar possível, dando umidade e oxigênio às correntes de ar globais. E a extensão do gelo polar tem sido essencial, refletindo a luz do sol de volta com sua superfície branca esfriando toda a Terra.”

No Holoceno a temperatura global se estabilizou, as estações trouxeram um ritmo confiável e a vida enriqueceu.





Esta prosperidade dos seres vivos ao nosso redor e a regularidade das estações têm sido absolutamente essenciais para a estabilidade da qual dependemos. Afinal, foi por isso que conseguimos inventar a agricultura, invenção que modificou completamente nossa relação com a Terra.

## O que aconteceu com a Terra?

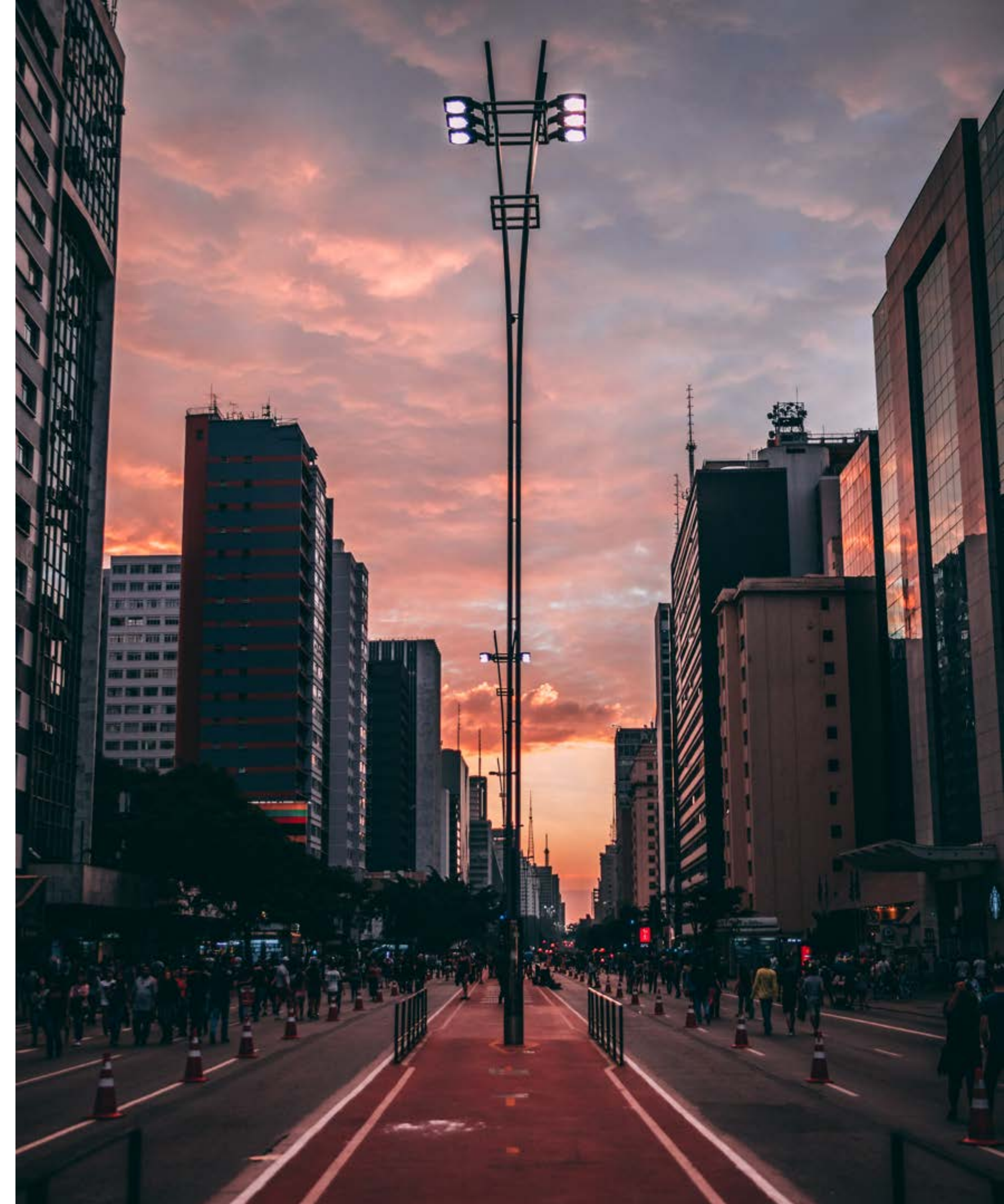
Desde que surgimos como espécie, a maneira como nos relacionamos com os animais e o espaço mudou, conforme fomos evoluindo. Milênios atrás éramos caçados por tigres-dente-de-sabre (entre outros animais) e forçados a viver em cavernas, onde estaríamos menos vulneráveis. Hoje nossos predadores foram eliminados, predamos qualquer animal que quisermos e extinguímos muitos outros por pura conveniência.





Tomamos o mundo para nós. Como afirmou o cientista inglês citado anteriormente, “transformamos o que uma espécie poderia alcançar” e o fizemos “com uma velocidade meteórica. (...) Parecia que havíamos nos livrado das restrições que governam as atividades e números de outros animais. Havíamos nos libertado. Estávamos separados do resto da vida na Terra, vivendo um tipo diferente de vida”. Nossa espécie dominou o planeta de tal forma que nos tornamos nossa maior ameaça, consumindo a Terra de forma insustentável.

Nosso impacto no planeta é tão profundo que estamos intensificando radicalmente as variações na temperatura média global, destruindo diversos habitats e pondo em risco todos os restantes, incluindo o mundo antropocêntrico, onde vive a maior parte dos humanos. A Terra é como um organismo, e cada parte tem um papel a cumprir para que funcione plenamente. Assim, é simples concluir que problemas ambientais têm consequências cascadeantes.





Um terrível exemplo dessas consequências é o que vem acontecendo com corais de recifes ao redor do mundo:

Segundo a revista *Business Insider*, “entre 70% e 90% de todos os corais no mundo podem desaparecer nas próximas duas décadas, devido à poluição e às mudanças climáticas.” Corais de recife são usados como abrigo para um quarto de toda vida marinha, além das milhões de pessoas que dependem deles para seus trabalhos – desde a pesca até o turismo –, e seu desaparecimento representa um enorme risco a todo o habitat marinho, cuja deficiência trará mais consequências catastróficas.

Além disso, há um prazo para que possamos reverter o dano causado, caso contrário os problemas continuarão se acumulando até criarmos o sexto evento de extinção em massa na Terra.





# O que fazer?

Precisamos ter em mente que, se o planeta já viveu outros eventos de extinção em massa, mesmo que o Holoceno acabe precocemente, podemos nos assegurar de que não acabaremos com toda a vida na Terra, que em algum momento, ele chegaria ao seu fim e uma nova era glacial começaria. O único fim será o nosso e da biodiversidade que conhecemos.

Em segundo lugar, retornando ao documentário-testemunho de David Attenborough, há uma solução clara para nossos problemas: restaurar a biodiversidade do planeta. Obviamente que é um objetivo mais simplesmente falado do que feito, mas não podemos perder as esperanças ainda.

Na década de 1970, cetáceos eram caçados em massa por grandes frotas de navios baleeiros. Em 1978, foram feitas





as primeiras gravações dos cantos das baleias jubarte, desencadeando uma onda de conscientização e de protestos contra a caça destes animais. Em outras palavras, a reconexão do público com os grandes mamíferos marinhos tornou-se inaceitável, transformando um comércio em crime e salvando milhares de baleias.

Mas nossos problemas vão além da caça de animais. As mudanças climáticas representam nosso maior desafio, e nosso prazo para resolvê-lo é de seis anos e 200 dias aproximadamente (a partir de maio de 2021), segundo o *Climate Clock*.

Para atingir esse objetivo precisamos de inovações tecnológicas na área da sustentabilidade, capazes de suprir as necessidades da sociedade e de mudança de hábitos imediata, visto que a ciência precisa de tempo para criar a tecnologia necessária para nossa sobrevivência. Em suma, mudando nosso estilo de vida, “compramos” tempo para





encontrar soluções sustentáveis aos nossos problemas. Em "Ideias para adiar o fim do mundo" Aylton Krenak fala da maneira como nos relacionamos com a Terra e a contrapõe com outras formas, adotadas por civilizações que sofreram muito com o avanço da influência europeia no mundo. Ele explica que o próprio conceito de "fim do mundo" é relativo. O mundo no qual viviam os nativos americanos antes da chegada dos europeus acabou, mas seus povos permanecem vivos, lutando.

Foi necessário se adaptar para sobreviver. E é isso que precisamos fazer. Nosso estilo de vida vai acabar, cedo ou não tão tarde. Cabe a nós aceitar esse fato e mudá-lo antes que o tempo expire sem que possamos fazer nada.

Algumas ações que podem ser feitas no nível pessoal:

- Reduzir o consumo de carne (não apenas carne vermelha).
- Pesquisar e se conscientizar sobre quais marcas e produtos





estão alinhados com o objetivo de preservar o planeta.

Algumas ações que podem ser feitas no nível governamental:

- Aumento dos impostos em exploração de recursos naturais.
- Proibição da caça e fortalecimento de policiais ambientais.
- Incentivo à órgãos de pesquisa e proteção ambiental.
- Substituição de fontes de energia por alternativas verdes.

## Premissas

## Película

Lembro que quando iniciei minha jornada fotográfica, o fiz com a câmera antiga de meu avô, uma Nikon F2. A experiência de fotografar sabendo que existe um número relativamente limitado de fotos para se tirar, me forçava a pensar bem sobre cada imagem antes de capturá-la, aprofundando a minha





relação com os espaços que frequentava.

Com o intuito de recuperar esse vínculo mais profundo com o mundo natural, optei pela técnica analógica, cujas limitações me forçam a ser mais paciente e me conectar mais com o ambiente que fotografarei.

## Sobre os impactos ambientais da fotografia:

Compreendendo que todas as atividades que exercemos possuem um impacto no planeta, é simples concluir que a fotografia também possui as suas. Tendo surgido como um processo químico que torna o metal fotossensível, havia diversos problemas de poluição relacionados à prática. Com o tempo, algumas modificações foram feitas para se ajustar a novas políticas ambientais, mas o processo ainda necessita





de químicos poluentes e da prata.

Quando a fotografia digital foi inventada, ambientalistas ao redor do mundo comemoraram, afinal de contas, não seria mais necessário despejar resíduos nocivos na natureza, mas o que realmente veio a acontecer não foi o melhor dos cenários: a prática se popularizou de tal forma que criou uma nova gama de impactos ao planeta.

A fotografia é uma prática poluente desde sua invenção. Em seus primórdios, chapas de metal se tornavam fotossensíveis através de químicos nocivos à saúde humana e ao meio ambiente, como chumbo, mercúrio e nitrato de prata. A ciência do campo avançou muito desde então, mas não conseguiu solucionar as questões ambientais que enfrenta. Na fotografia analógica, os principais danos ainda são causados pela utilização da prata na emulsão dos filmes. Ademais, a maior parte dos processos de revelação utilizam reveladores tóxicos, e em sua etapa final, os resíduos de prata são extraídos da película, necessitando de descarte especial.





Segundo a Faculdade de Dartmouth “altas doses de certos componentes da prata são altamente tóxicas para formas de vida aquáticas, como peixes.” Além disso, um estudo de 2012 da Universidade do Quebec apontou que os resíduos de prata não são completamente eliminados da água em estações de tratamento:

*“As nanopartículas liberadas por diferentes nanomateriais usados em nossas casas e commodities industriais fazem seu caminho por rotas de descarte até as estações de tratamento de água e acabam como lodo de esgoto. O escape adicional dessas nanopartículas nos efluentes contaminará o ambiente aquático e dos solos.”*

Além disso, as bobinas, cartuchos, tubos e embalagens de rolos de filme se tornam lixo uma vez que o filme é utilizado. Esses produtos são feitos de metal, plástico, papel e tintas, todos os quais liberam resíduos tóxicos que podem poluir ainda mais as fontes de água, bem como podem ser





ingeridos por animais selvagens.

É verdade que filmes não são biodegradáveis, mas isso só se torna um problema quando ele é descartado, o que, em tese, não deveria acontecer, visto que é um material de arquivo e é feito para durar guardado, podendo ser reutilizado para uma ampliação ou digitalização futura. Também é verdade que papéis fotográficos e o processo de ampliação a partir da película se utilizam de químicos análogos aos do filme, por isso, nocivos ao meio ambiente. Por isso, ampliar todas as fotos de um rolo de filme só para que se possa escolher as que se aprecia mais, representa um desperdício de materiais e poluição desnecessários. Mas essa não é mais a forma como se vê todas as fotos de um rolo (sem que estejam em negativo). Laboratórios de revelação modernos contam com *scanners* e processos de conversão digitais, todas as fotos são organizadas em arquivos da mesma forma como fotos digitais seriam, eliminando a necessidade de ampliar todas as fotos de um filme.





A fotografia começou a se popularizar após o surgimento da Kodak, em 1880. A companhia inventou uma câmera para consumidores que não necessitava um conhecimento completo do processo, era apenas necessário medir a luz e apontar a equipamento (não havia foco). O formato de filme moderno 35mm se popularizou durante a Segunda Guerra Mundial, quando fotojornalistas optaram pela opção mais compacta e veloz. Na década de 1950 as câmeras de espelho (SLR - Single Lens Reflex) foram lançadas pela Nikon e Asahi (futuramente Pentax), atraindo mais consumidores devido aos preços reduzidos e facilidade de uso. No final dos anos 70, as primeiras câmeras automáticas surgiram, criando a atração do grande público. Até este momento era necessária alguma compreensão do processo fotográfico, agora precisava-se apenas enquadrar a câmera e bater a foto. As primeiras câmeras digitais surgiram na década de 1980, mas só foi no final do século XX que começaram a ser usadas por profissionais e no início do século XXI que





realmente se popularizaram.

Câmeras digitais possuem diversas vantagens em relação às analógicas, em especial a eliminação do uso de filmes, retirando da equação todos os químicos relacionados ao processo. Em contrapartida, os maiores danos das câmeras digitais vêm de sua produção. Seus circuitos dependem de metais raros como prata e ouro, cuja mineração é extremamente prejudicial ao meio ambiente, causando desmatamento, poluição do ar, solos e vias aquáticas, segundo o Instituto Americano de Geociências.

Além disso, câmeras digitais têm uma expectativa de vida consideravelmente mais curta que as analógicas, durando em média cinco anos antes de se tornarem obsoletas. Após isso, são dificilmente recicladas tornando-se lixo eletrônico, liberando mercúrio e chumbo, ambos extremamente nocivos aos humanos e a ecossistemas e biomas naturais. A produção em massa de câmeras digitais todos os anos

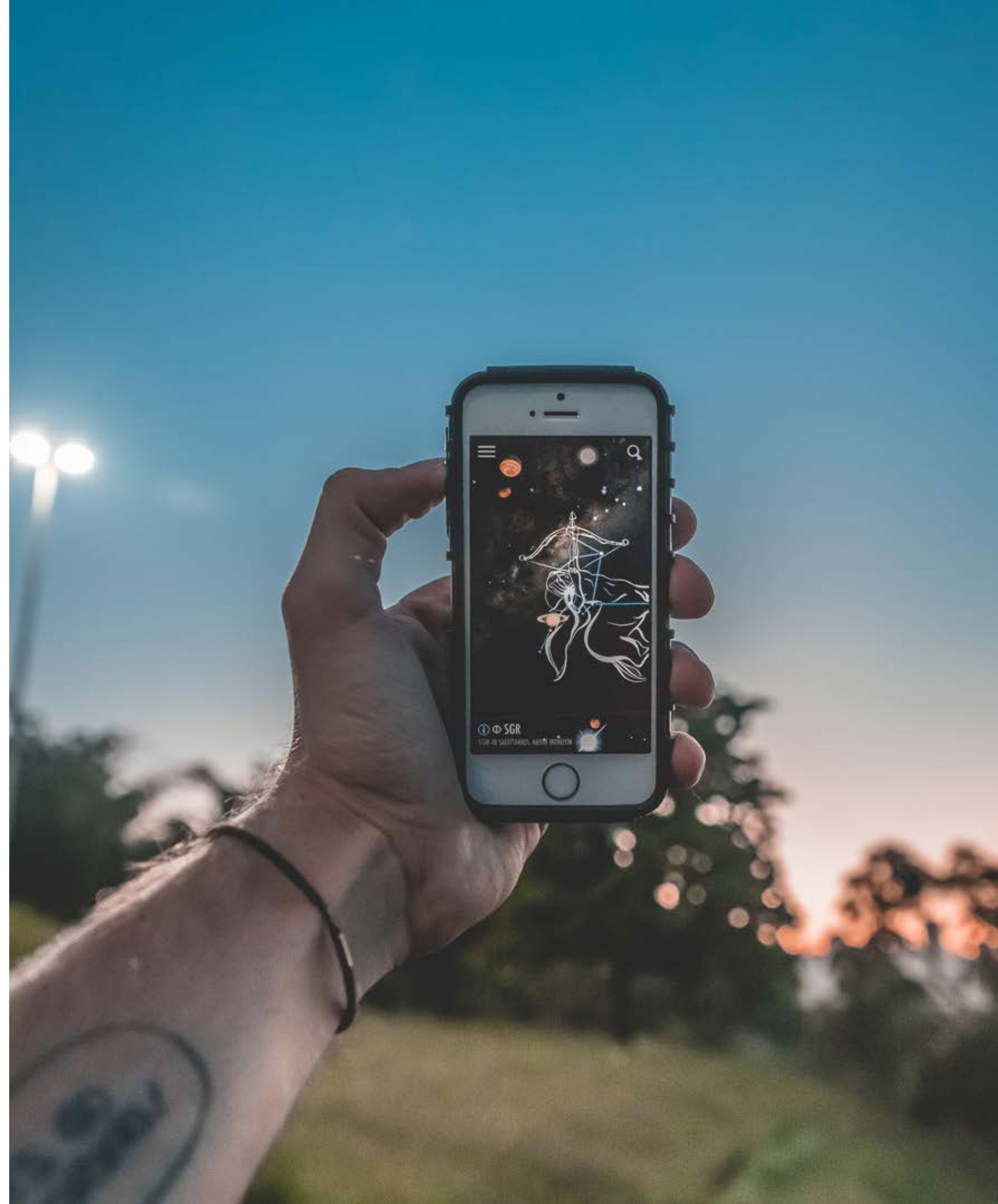




amplifica todos os aspectos negativos dessa forma de fotografia, ao ponto que o descarte de lixo eletrônico se tornou um problema global, segundo a revista Time:

*“Enquanto uma nação faminta por tecnologia e cheia de dinheiro se prepara para atualizar para a próxima geração de dispositivos 5G ultra rápidos, há um custo ambiental a ser reconhecido: uma nova montanha de aparelhos obsoletos.”*

Considerando os danos de cada alternativa, não se pode deixar de notar que a produção massificada de qualquer forma de fotografia será prejudicial ao meio ambiente. Com o surgimento de *smartphones* e o desenvolvimento de suas capacidades fotográficas, observa-se uma redução na compra de câmeras dedicadas, o que pode vir a ser um fator positivo. Porém, antes dos *smartphones*, surgiu a internet e as redes sociais. Muitos criadores de conteúdo para plataformas digitais ignoram normas e regras de segurança ou proteção





ambiental, invadindo áreas restritas ou entrando em contato com animais selvagens. Segundo uma enquete do site SLR Lounge aproximadamente 66% dos seus seguidores já entraram em áreas proibidas ou saíram da trilha para tirar uma foto.

Uma reportagem da revista Vox, mostra como o advento das redes sociais e da função de *geo-tagging* (a possibilidade de marcar o ponto exato no qual a foto foi tirada) está modificando a paisagem natural de Horseshoe Bend e outros sítios que, até 10 anos atrás, eram praticamente desconhecidos, ao ponto de precisarem se adequar ao crescente número de visitantes. Lugares como Devil's Bathtub, onde não havia infraestrutura para receber milhões de turistas e fotógrafos todos os anos, começaram a receber mais pessoas que podiam comportar. Segundo a CNN, até 2018 "mais de 250 pessoas já morreram ao redor do mundo tirando *selfies*". Ao mesmo tempo, muitas pessoas não reconhecem os danos que podem causar simplesmente por sair da trilha,



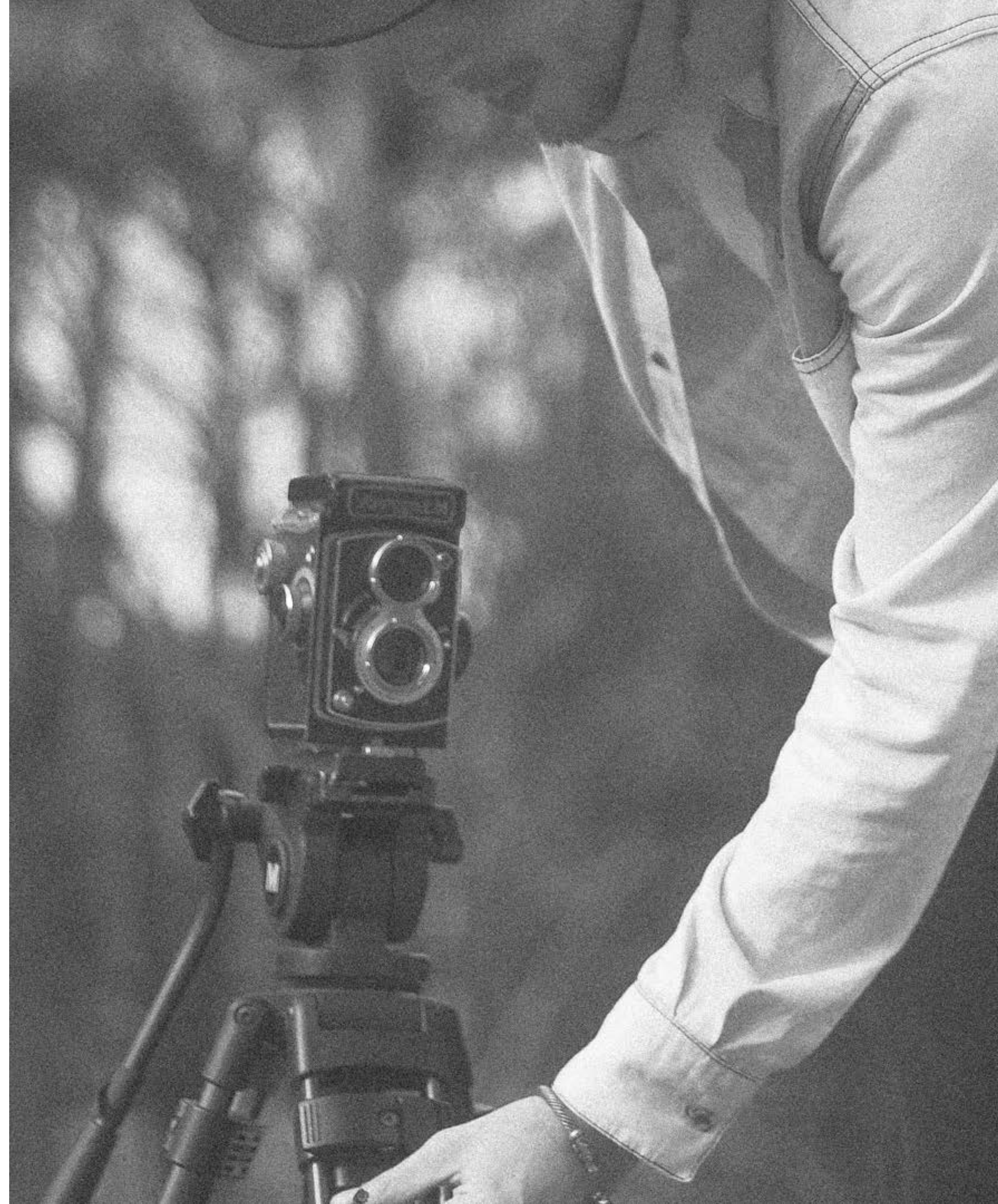


deixam lixo por onde passam e contaminam vias aquáticas.

Até mesmo fotógrafos profissionais são prejudicados pelas hordas de turistas e influenciadores procurando a foto perfeita para seus *feeds*. Em um comentário no *Facebook*, Dave Moss conta suas frustrações com a história de Moraine Lake, no Canadá:

*“Antes podíamos ir lá, fazer uma trilha, levar os amigos de fora da cidade e ocasionalmente fazer um ensaio fotográfico. Agora se você não está no estacionamento antes do nascer do sol você fica sem vaga e [além disso] precisa pegar um transporte de 25 dólares por pessoa, às vezes com espera de duas horas.”*

Apesar de todos os aspectos negativos relacionados à fotografia, não se pode deixar de notar que é uma das maiores ferramentas de conscientização ambiental e social presente na sociedade pós-moderna, e o seu





desaparecimento é uma realidade distante. O problema é, como muitos outros que enfrentamos, a escala e falta de consciência com a qual tiramos fotos.

Por isso decidi priorizar (não exclusivamente) a fotografia em filme preto e branco, para a qual tenho um revelador biodegradável.

## Recursos Técnicos

A realização das imagens necessitou apenas de equipamento fotográfico (o qual já possuo), acesso a ambientes onde a presença humana é reduzida – como florestas, trilhas ou reservas ambientais –, e uma forma de digitalizar minhas imagens para criação das séries fotográficas antes das aplicações físicas, também solucionável com um *scanner*.





# Referências Visuais

## Sebastião Salgado

A primeira grande influência para este projeto é Sebastião Salgado, por 3 motivos:

O primeiro é a temática de suas fotos. Meu primeiro contato com suas obras foi com "Gênesis". A este ponto eu mantinha meu foco em vida selvagem e natureza, nunca incluindo o elemento humano. Após comprar o livro e observar meticulosamente grande parte das imagens, comecei a aceitar o pertencimento da nossa espécie na natureza.

Em seguida, seu processo de imersão total nos ambientes que fotografa. Sabia que seria crucial explorar e interagir ao máximo com o mundo natural para conceber melhores imagens.





Por fim, sua estética estonteante. Mesmo retratando a natureza, espaços coloridos, Salgado foca no preto e branco, criando profundidade na textura e contraste. Muitas vezes sinto que um projeto que fala da natureza precisa de cor, mas sua obra tira minhas dúvidas e reafirma a força da escala de cinzas.

## Tyler Shields

Tyler Shields é um dos mais famosos fotógrafos da atualidade. Suas imagens são excepcionalmente impactantes e carregadas de sentimento.

Shields, como Sebastião Salgado, opta pela fotografia em película e, em entrevistas, explica que confia na regularidade que os filmes oferecem. Seu processo é meticuloso, todas as imagens são criadas e visualizadas mentalmente pelo artista antes de sua concepção.





# Miguel Rio Branco

A mais recente influência é o trabalho de Miguel Rio Branco, fotógrafo brasileiro com incríveis obras fotográficas criadas de uma forma simples e talvez até óbvia, mas que por algum motivo nunca pensei em utilizar: a combinação de diversas imagens em uma única composição.

Isso permite ao artista uma nova forma de expressar a imagem, ao ponto que cada imagem sozinha seria percebida de uma forma, mas em conjunto elas se ressignificam.





# Metodologia

## O designer-fotógrafo

“Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser.” Em “O Ato Fotográfico” Phillipe Dubois explica que o próprio ato de tirar uma foto cria uma relação entre o retratante e o retratado. Fotografando pessoas é simples de compreender essa conexão, mas quando falamos de fotografar o mundo natural, é necessário mudar a maneira como percebemos essa relação.

Quando comecei a fotografar, em 2012, foquei minha atenção exclusivamente para a natureza e vida selvagem e por alguns anos mantive essa vertente, compreendendo como melhor me envolver com as espécies e o espaço. Ao longo do tempo, fui aprendendo sobre cada espécie que fotografei; como me aproximar sem assustar o animal, quais

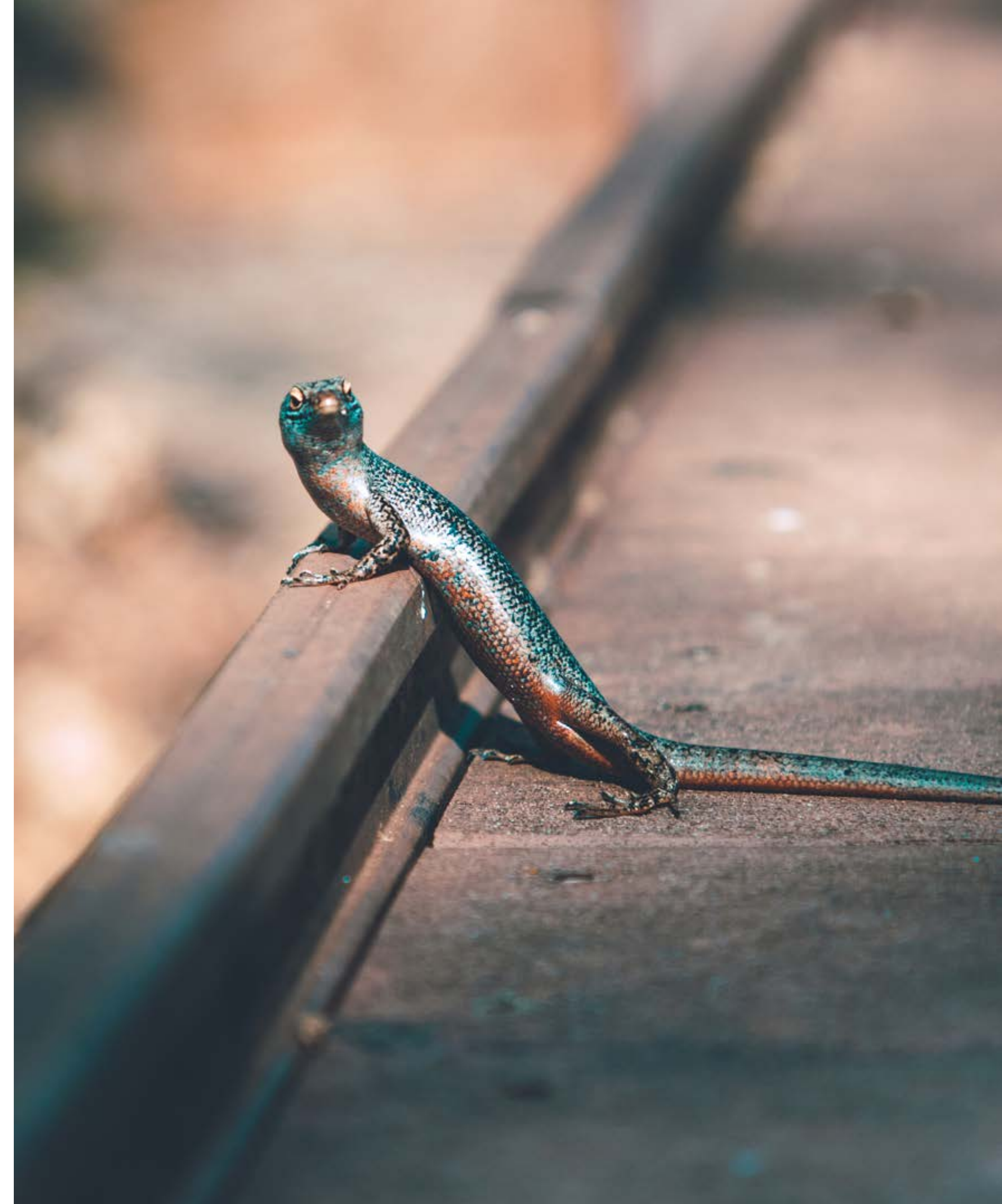




sinais ele dá de que vai fugir ou de que está confortável. Como nunca tive a experiência de fotografar em uma cabana camuflada, esconder minha presença sempre foi relativamente inútil, o que forçou a me relacionar de uma forma mais direta com os animais.

Assim, compreendi que fotografar a natureza é fazer parte daquele ambiente, interagindo com os seres ali presentes. O próprio ato de fotografar significa pertencer àquele ambiente, a imagem criada surge e é influenciada pela conexão estabelecida com a realidade.

Logo, fotografia é um índice do mundo natural na realidade humana. Um elo que nos conecta com espaços fisicamente distantes, estabelecido pelo fotógrafo.





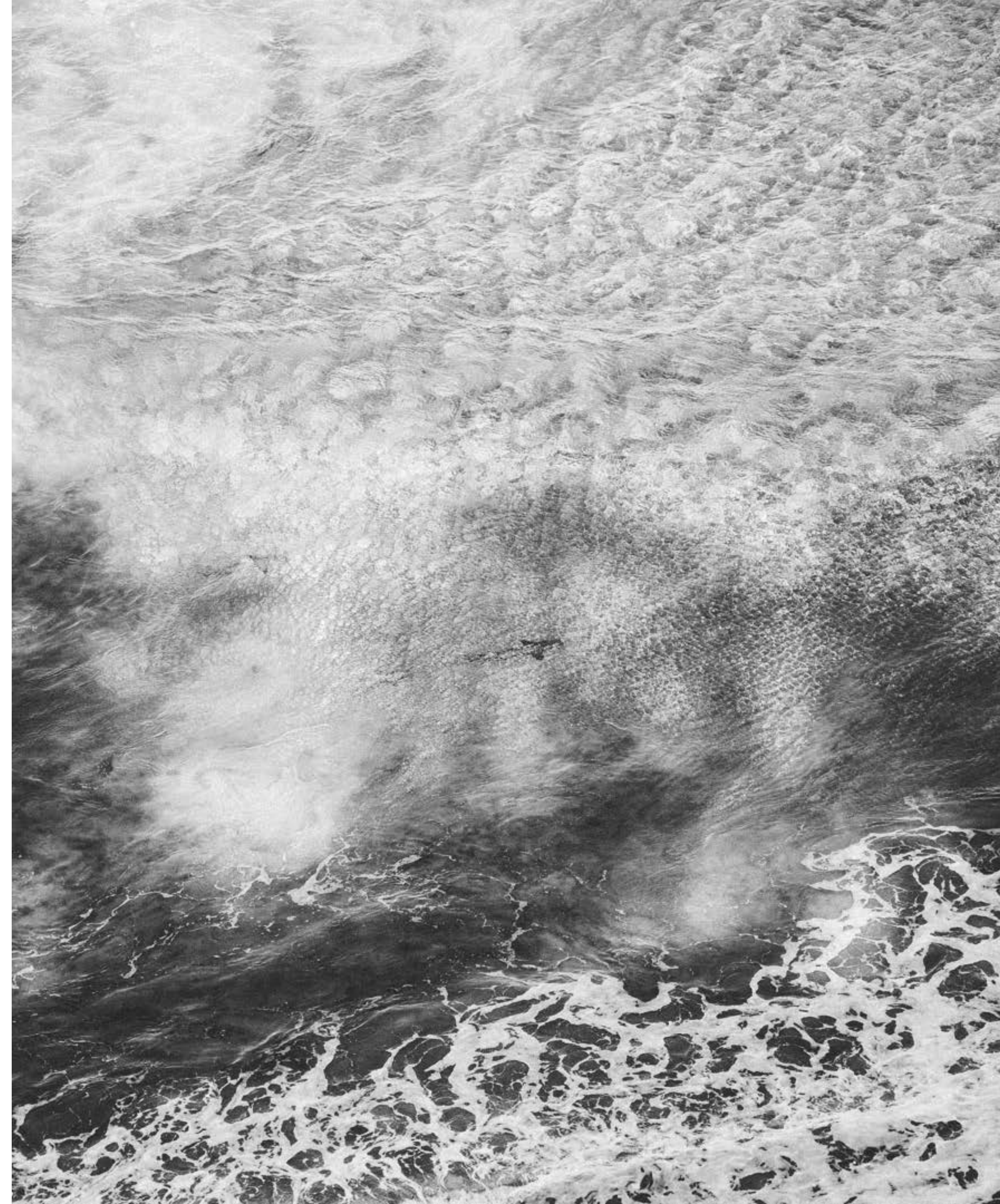
# Execução

Com o intuito de organizar a execução, estabeleci fases de produção e ordenei o que era preciso fazer: tirar fotos, desenvolver as composições, definir uma forma de materialização e, por fim, tornar físico o projeto.

A captura de imagens para o projeto acontece desde o princípio do período e foi dividida em duas etapas: uma de imersão e outra de intenção.

## Imersão

A primeira etapa consistiu em “passeios” fotográficos, a maioria realizados no Vale das Videiras, em Petrópolis, desprovidos de qualquer intenção ou planejamento quanto ao conteúdo do projeto.





O propósito desses momentos era observar e entrar em contato com o espaço natural, como sugere o próprio projeto. Qualquer ideia ou concepção de uma foto foi anotada e guardada para a próxima etapa. As seguintes fotos foram capturadas nesta fase:







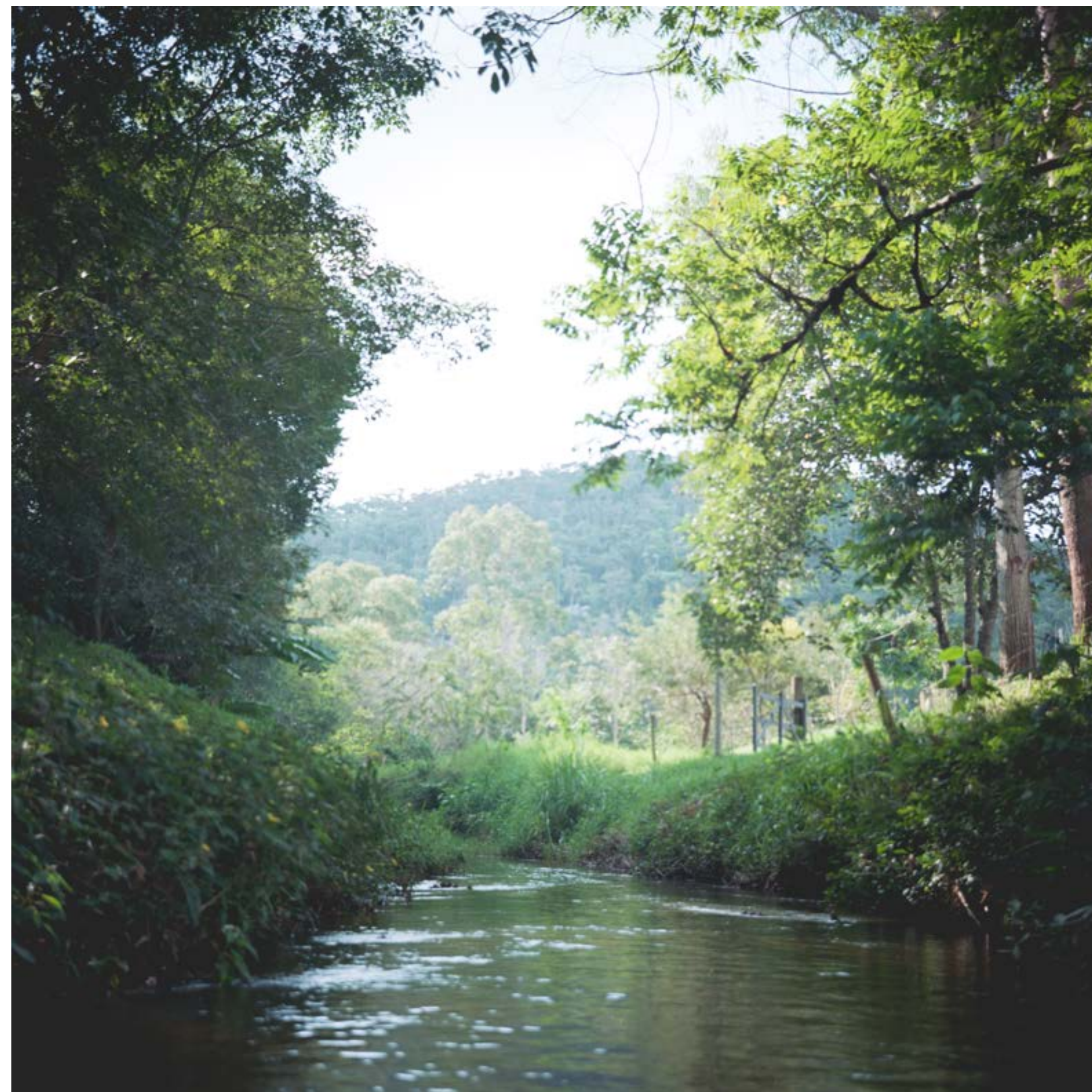


















# Intenção

Depois de alguns meses, a lista de fotos pré-concebidas estava longa o suficiente para que eu passasse para a próxima etapa do projeto. Agora sim, era o momento de produzir as imagens que até então estavam apenas no plano das ideias. As seguintes fotos foram capturadas nesta fase:



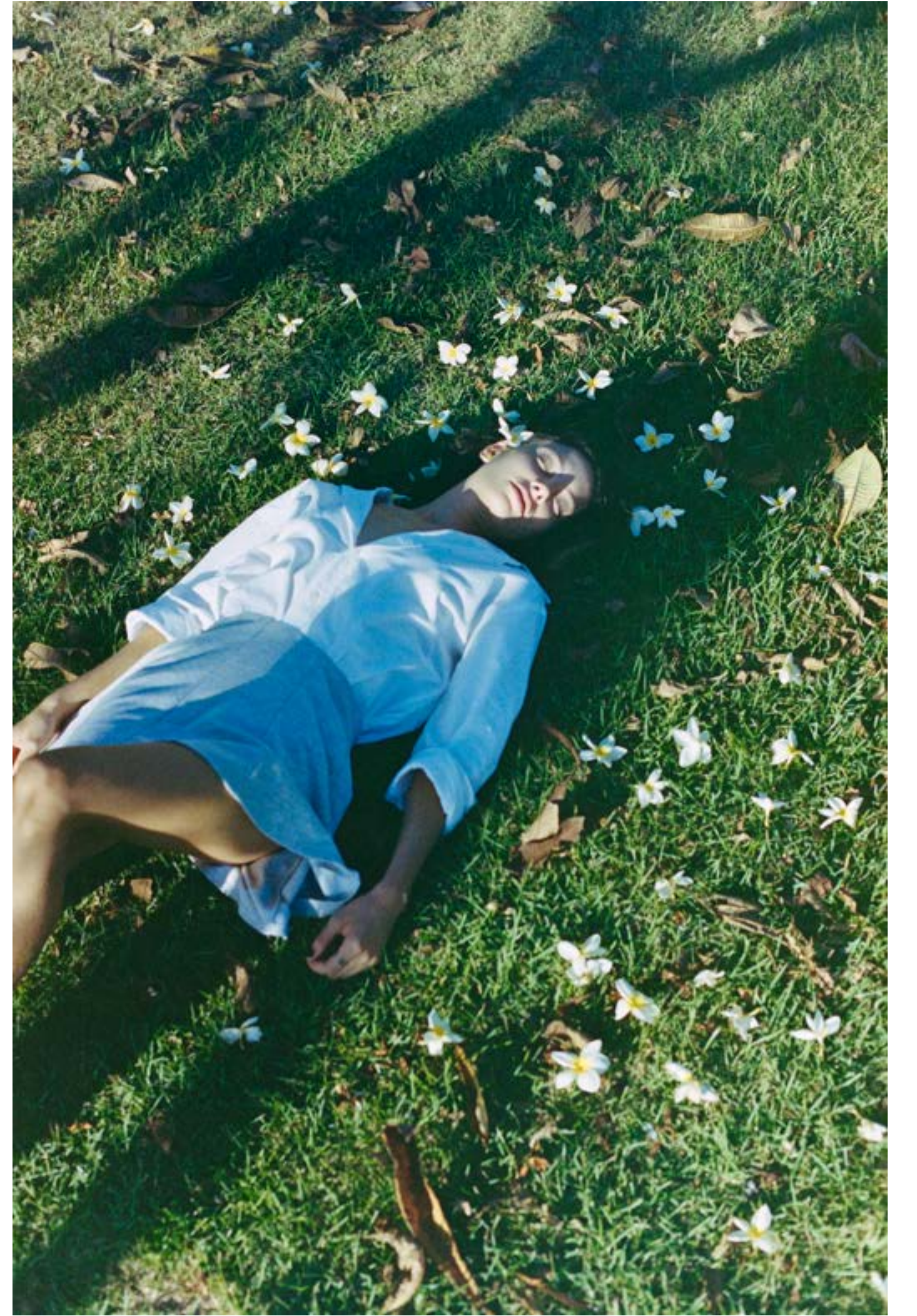








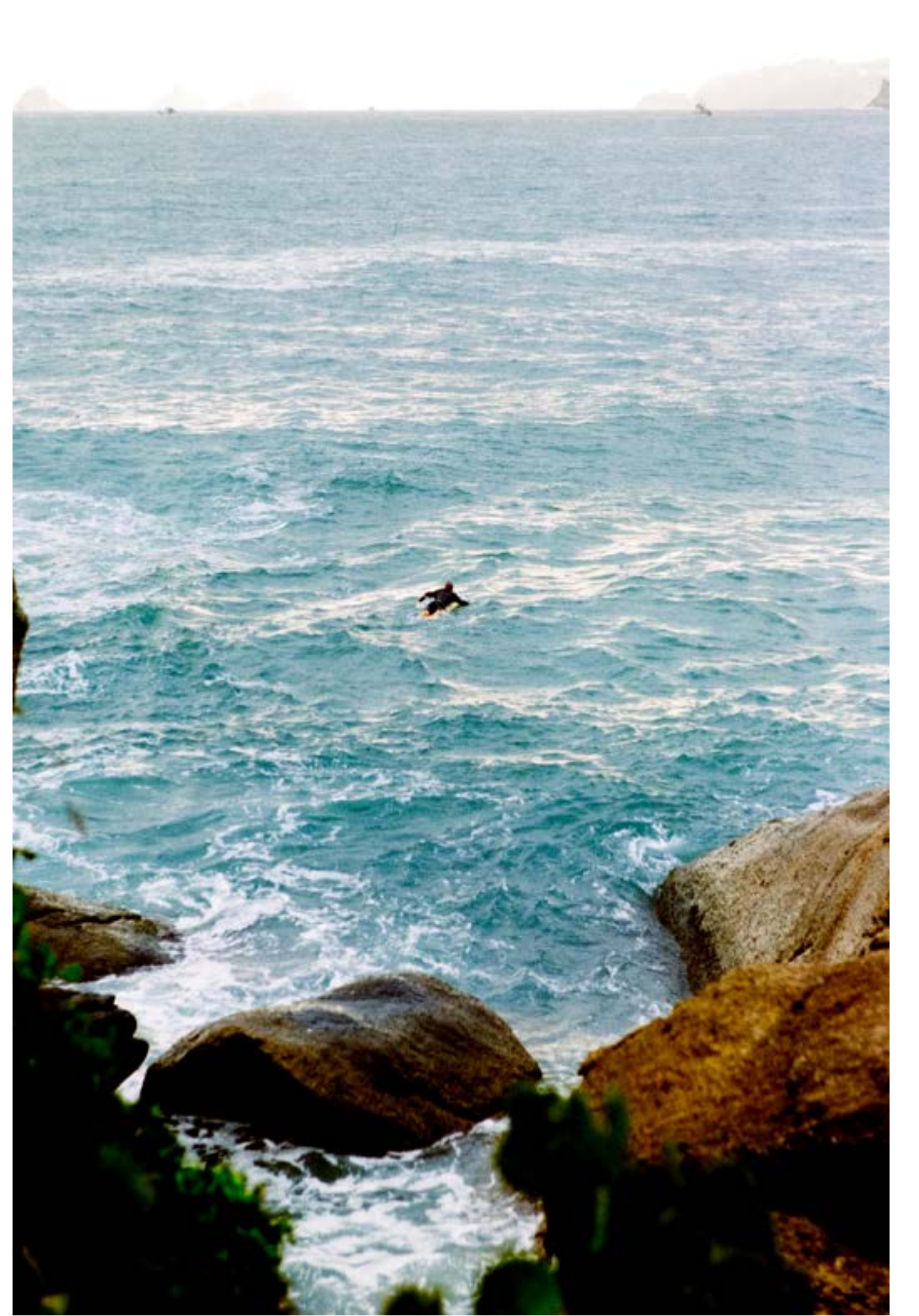
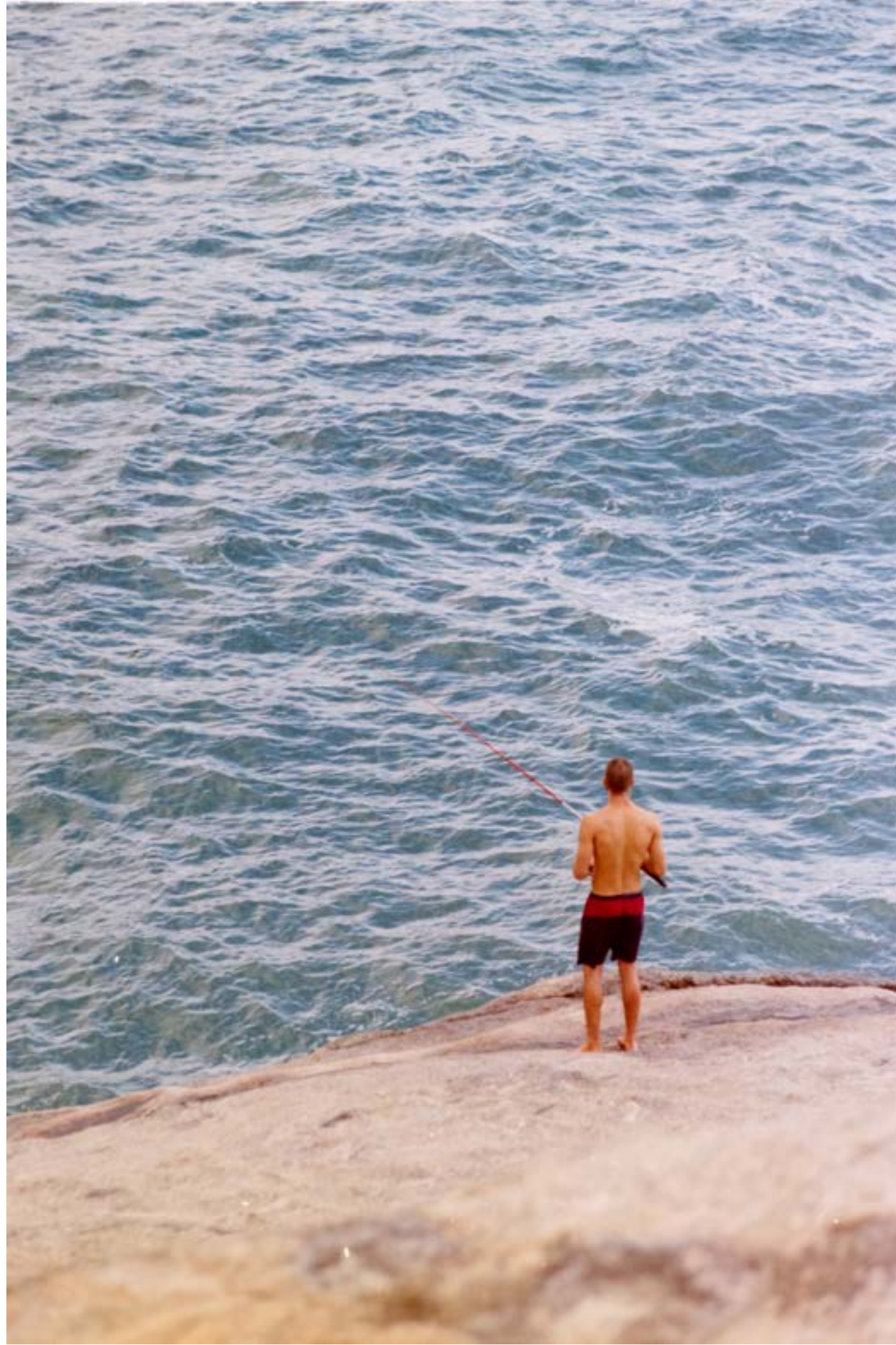














# Desenvolvendo as composições

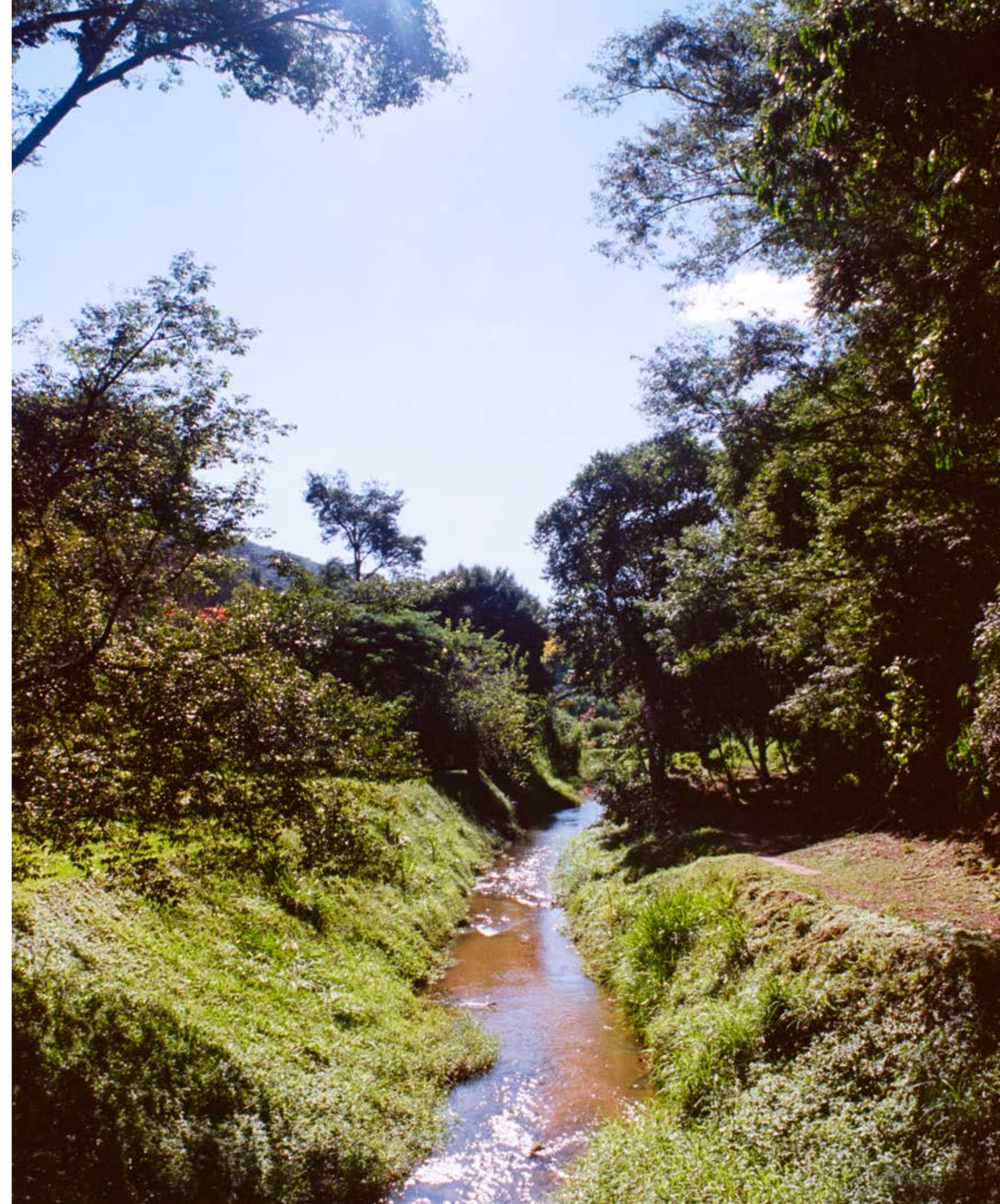
Com todas as fotos reveladas e digitalizadas, o momento de criar as composições havia chegado, e trouxe consigo os dois maiores desafios do projeto.

O primeiro foi encontrar uma linha de raciocínio que conduzisse a audiência pelas fotos, algo como uma história a ser contada, criando uma experiência. Composições sem uma conexão interna mais palpável que a relação humano-natureza se tornam apenas junções de imagens aleatórias. A solução que encontrei foi explorar a história da nossa relação como humanos com o planeta, e do processo que tivemos de conexão (como viemos a observar o mundo nos primórdios da humanidade), desconexão (como vivemos hoje), e reconexão (do que precisamos para garantir o futuro da espécie no planeta).



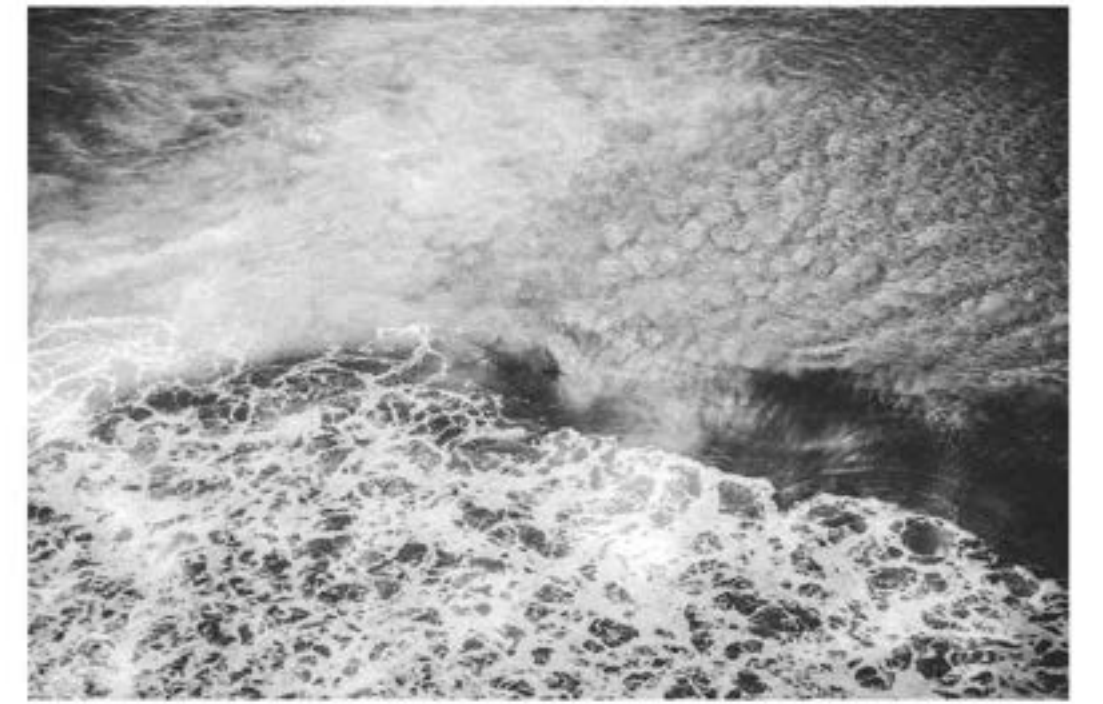


Ao dividir o projeto em três “capítulos”, houve duas alterações cruciais no projeto: a primeira foi que algumas fotos seriam apresentadas individualmente na impressão, por terem autonomia para ficarem fora de uma composição. A segunda foi a decisão por incorporar fotos do meu próprio arquivo pessoal, ao ponto que os três “capítulos” dessa história também contam a minha própria trajetória com a fotografia: quando comecei a fotografar no ensino médio, minha temática era exclusivamente vida selvagem, com ocasionais fotos de paisagem. Pessoas e ambientes controlados estavam fora de questão. Depois que me formei na escola fui estudar cinema, filmando, pelas ironias da vida, pessoas em ambientes controlados. Recentemente o retorno à fotografia analógica e às minhas temáticas originais tem representado um processo de reconexão com as minhas próprias raízes no campo. É válido ressaltar que a forma de materialização do projeto foi decidida paralelamente ao desenvolvimento das composições. As seguintes imagens foram desenvolvidas com essa linha de raciocínio em mente:





# Conexão

















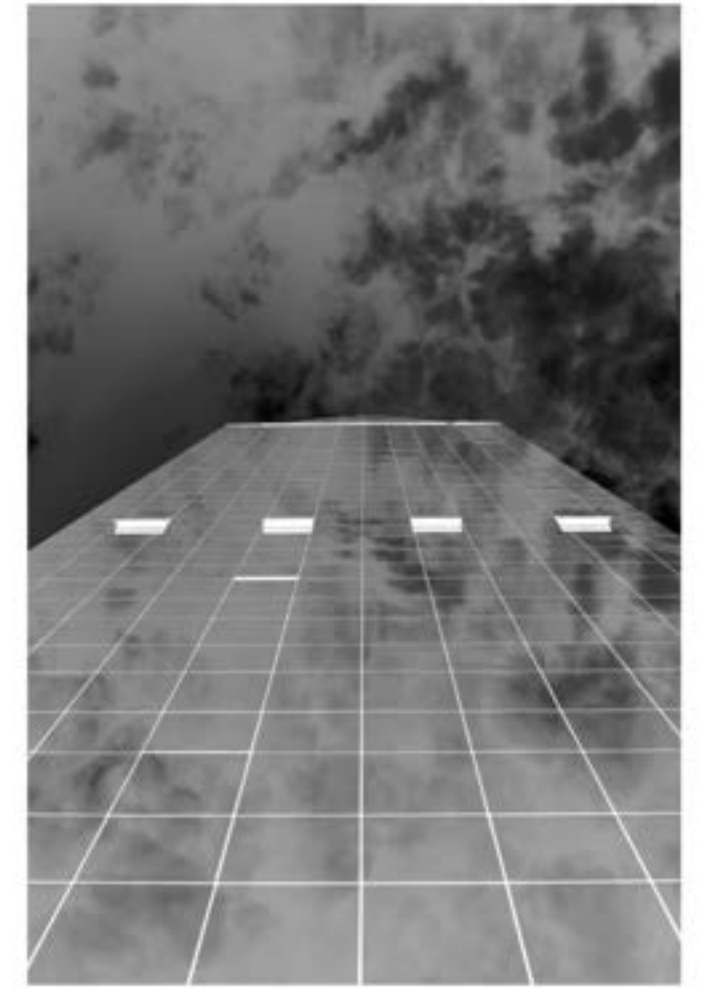
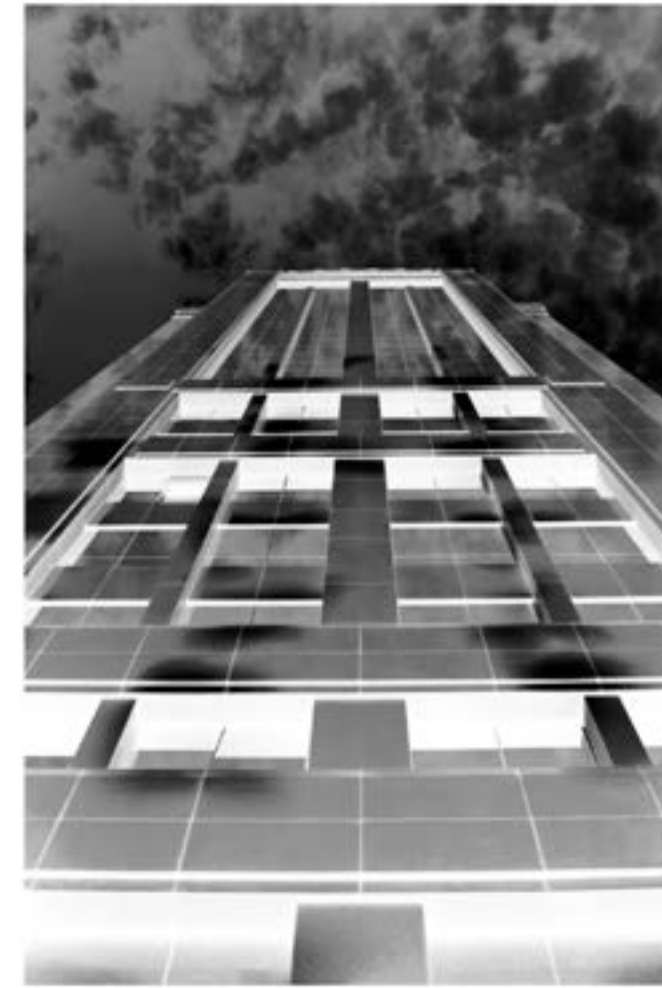
# Desconexão





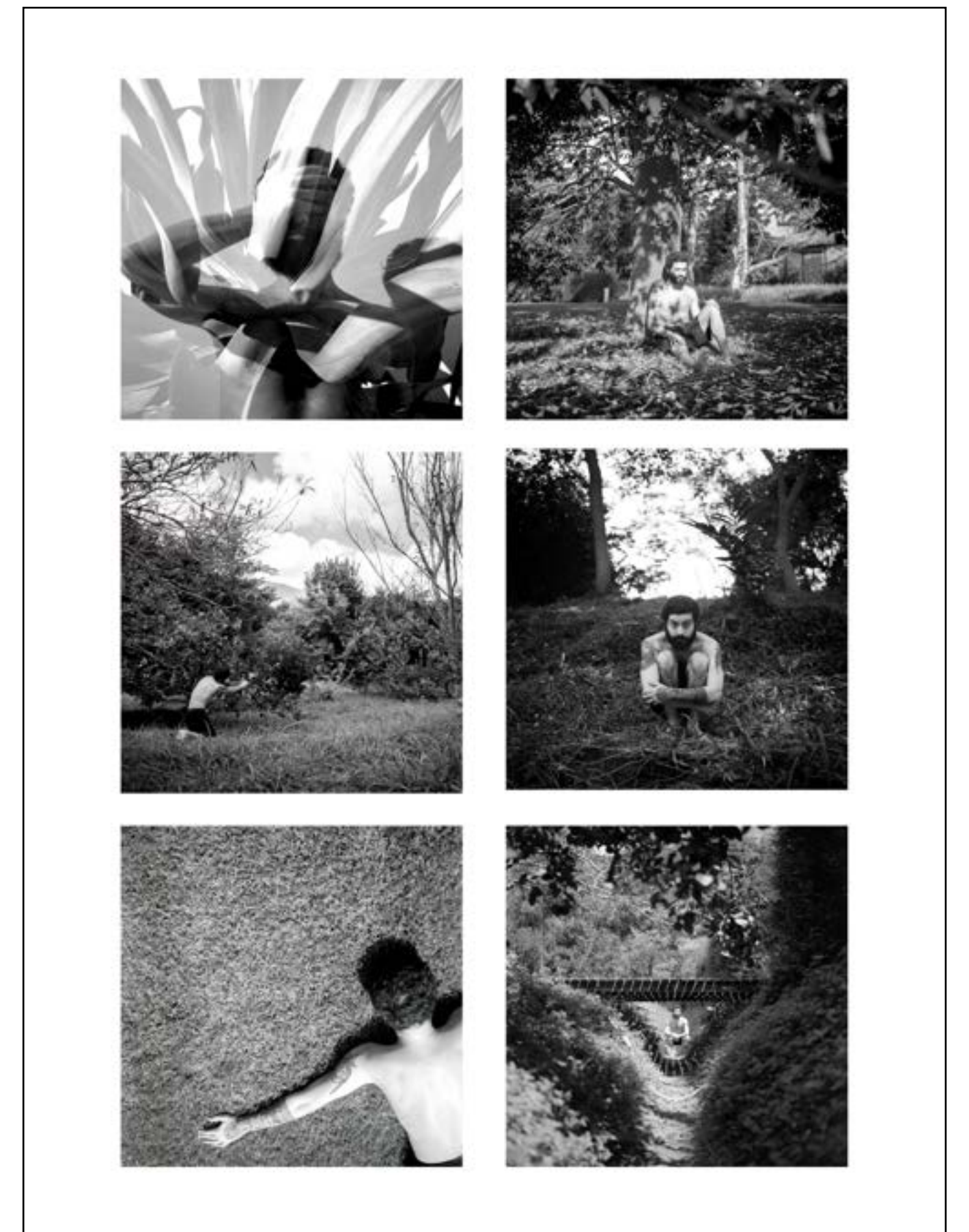
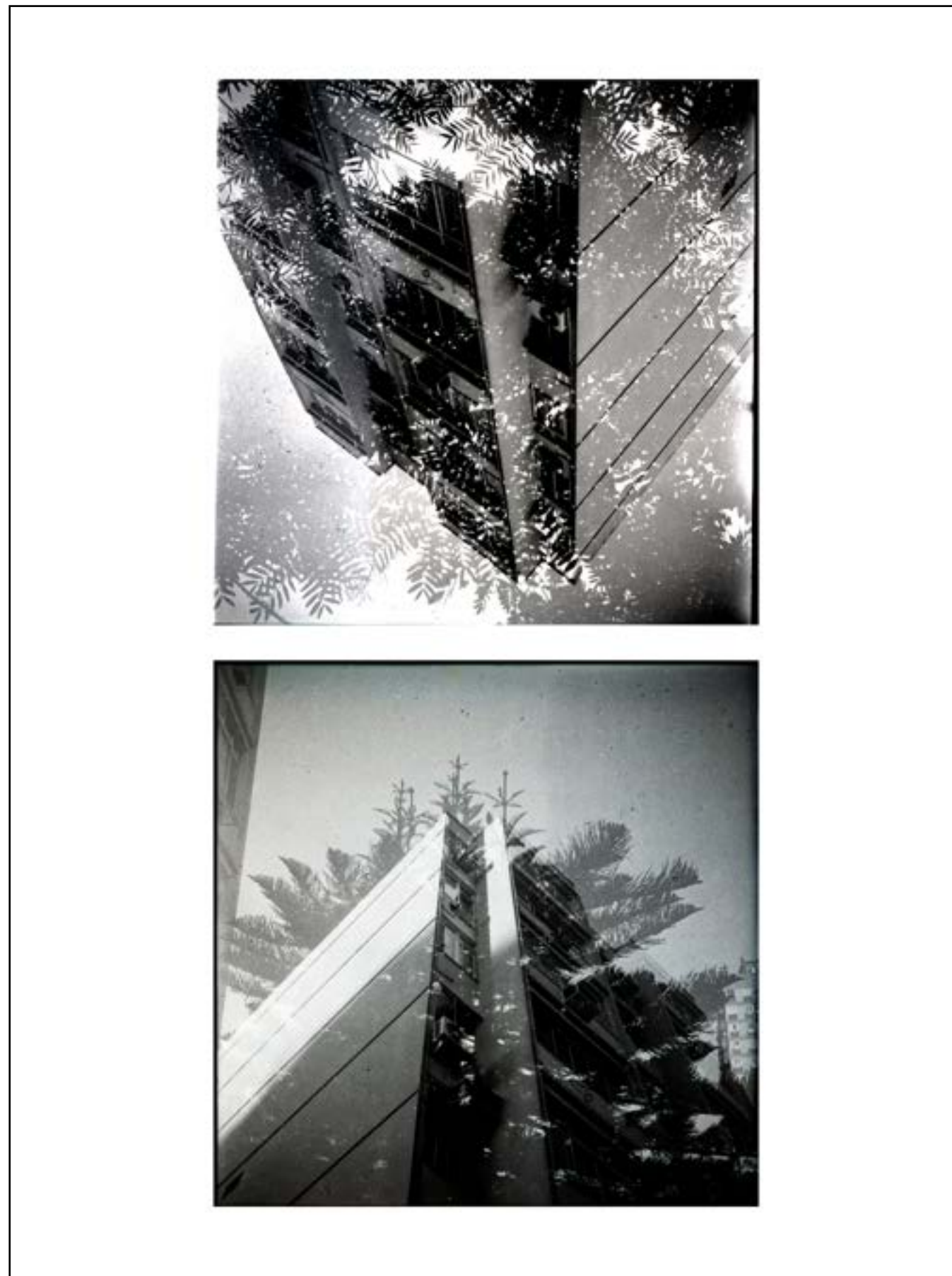








# Reconexão













# Outras páginas

Foram criadas páginas para indicar o início de cada capítulo, bem como a qual capítulo pertence uma composição.

CONEXÃO

Livro 1

DESCONEXÃO

Livro 2

RECONEXÃO

Livro 3



## CONEXÃO



Reserva Mamirauá, Amazônia  
2019



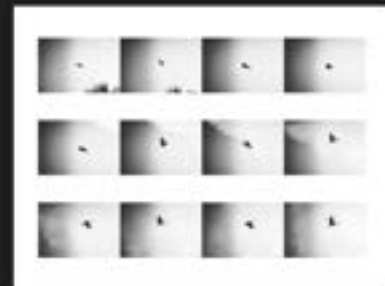
Alaska  
2014



Fernando de Noronha  
2018



Alaska  
2014



Reserva Mamirauá, Amazônia  
2019



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021

## DESCONEXÃO



Rio de Janeiro  
2020



São Paulo  
2018



Humaitá,  
Rio de Janeiro  
2020



Nova Iorque, 2017



Estrada de Petrópolis,  
Rio de Janeiro  
2021



Baía de Guanabara,  
Rio de Janeiro  
2021



Humaitá,  
Rio de Janeiro  
2020

## RECONEXÃO



Reserva Mamirauá, Amazônia  
2019



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Reserva Mamirauá, Amazônia  
2019



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Vale das Videiras,  
Rio de Janeiro  
2021



Humaitá,  
Rio de Janeiro  
2020



# Materialização e Etapa Final

A forma de materialização deste conteúdo pode ser alterada para diferentes fins, desde uma exposição até um livro. Tendo em vista as condições ainda persistentes de pandemia no Brasil, optei pela alternativa do livro.

## Desenvolvendo o livro

Produzir um livro fotográfico é uma vontade pessoal desde 2013, quando fui na exposição "Gênesis" de Sebastião Salgado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Duas outras obras se destacam como referências para este projeto: o livro da fotógrafa de rua Vivian Maier, e um livro fotográfico aberto de fotos marcantes relacionadas ao Jazz, com imagens de diversos fotógrafos. O formato do livro aberto veio tanto como uma solução quanto como escolha artística.





# Parâmetros do livro

Por se tratar de um livro de mesa, é necessário que sejam impressões de alta qualidade, fácil manuseio e dimensões largas o suficiente para que ao menos 3 pessoas vejam a mesma imagem sem dificuldades. Por isso, optei pela impressão em papel fotográfico fosco, 30x40cm.

A capa foi produzida com papel paraná e duas imagens impressas em papel fotográfico fosco.

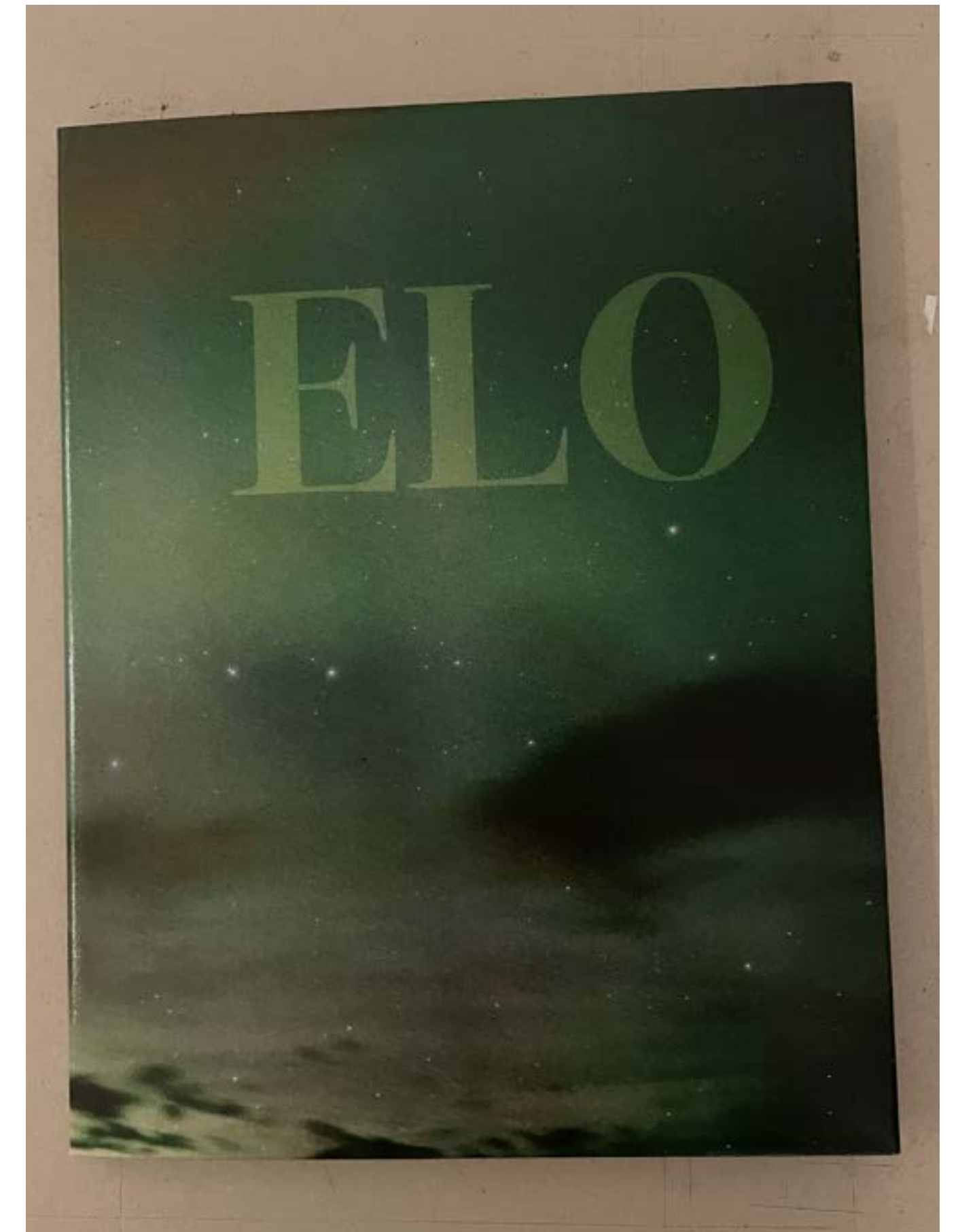








# Produto finalizado





# Produção em larga escala

Todas as referências para este projeto foram produzidas em larga escala, por isso decidi consultar a gráfica Trio, do Rio de Janeiro. Infelizmente, o equipamento necessário para produção do livro nas especificações que desejei foi vendido no início do ano, devido à pandemia. Todas as gráficas recomendadas pelo pessoal da Trio também sofrem do mesmo problema. Por isso, a produção do livro será apenas artesanal e terá os custos relativos à tal.





# Conclusão

Este projeto é a minha mensagem para o mundo. Precisamos reavaliar nossos sistemas de produção e a maneira como nos conectamos com a Terra. Os capítulos da obra representam o passado, presente e futuro ideal - ao meu ver - para nossa espécie. Espero que, com este livro, mais pessoas venham a compartilhar minhas visões sobre os problemas que enfrentamos ambientalmente, para que possamos caminhar em direção à um mundo mais sustentável.

Obrigado!





# Bibliografia

AMERICAN GEOSCIENCES INSTITUTE (EUA). How can metal mining impact the environment?. American Geosciences Institute, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://www.americangeosciences.org/critical-issues/faq/how-can-metal-mining-impact-environment>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ARAÚJO, Felipe. Origem Humana. InfoEscola, [S. l.], p. 1-1, 7 fev. 2010. Disponível em: <https://www.infoescola.com/antropologia/origem-humana/>. Acesso em: 10 maio 2021.

ATTENBOROUGH, David. Nosso Planeta. Direção: David Attenborough. Produção: Netflix. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/> Acesso em: 5 maio 2020.

BRAR, Satinder K. Engineered nanoparticles in wastewater and wastewater sludge--evidence and impacts. Nation Library of Medicine, [S. l.], p. 1-1, 17 nov. 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19926463/#affiliation-1>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CRISS, Doug. More than 250 people around the world have died taking selfies since 2011. CNN, [S. l.], p. 1-1, 3 out. 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/10/03/health/selfie-deaths-trnd/index.html>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DARTHMOUTH COLLEGE (EUA). The Facts on Silver. Superfund Research Program, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://sites.dartmouth.edu/toxmetal/more-metals/silver-metal-of-many-faces/the-facts-on-silver/> Acesso em: 17 jun. 2021.

DUBOIS, Phillipe. O Ato Fotográfico. [S. l.: s. n.], 1986.



HEIMBUCH, Jaymi. 7 Conservation Photographers Saving the Planet Through Amazing Pictures. Tree Hugger, [S. l.], p. 1-1, 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.treehugger.com/conservation-photographers-saving-the-planet-through-amazing-pictures-4858346>. Acesso em: 15 set. 2020.

IS It Too Late To Stop Climate Change. Produção: Kursgesagt. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=wbR=5-mH6lbo&t=18s&ab\\_channel=Kurzgesagt%E2%80%93InaNutshell](http://www.youtube.com/watch?v=wbR=5-mH6lbo&t=18s&ab_channel=Kurzgesagt%E2%80%93InaNutshell). Acesso em: 29 set. 2020.

KRENAK, Aylton. Ideias para adiar o fim do mundo. [S. l.: s. n.], 2019

MASONER, Liz. A Brief History of Photography and the Camera. The Spruce Crafts, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://www.thespruce-crafts.com/brief-history-of-photography-2688527>. Acesso em: 16 jun. 2021.

MONTEIRO, Miguel. Can We Learn From Our Mistakes? A Tale Of Two Forests. Aceer Foundation, [S. l.], p. 1-1, 13 maio 2021. Disponível em: <https://aceer.org/can-we-learn-from-our-mistakes-a-tale-of-two-forests/>. Acesso em: 10 maio 2021.

REDDY, Shivani. The Environmental Impact of Careless Photographers. SLR Lounge, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://www.slrlounge.com/the-environmental-impact-of-careless-photographers-candid-chats/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

REZENDE, Rafaela. Holoceno. InfoEscola, [s. l.], 19 abr. 2012. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geologia/holoceno/>. Acesso em: 10 maio 2021.

SECON, Holly. All coral reefs could die by the end of the century, new research shows. Before-and-after photos show what that would look like. Business Insider, [S. l.], p. 1-1, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/coral-reefs-vanish-by-2100-before-and-after-photos-2020-2>. Acesso em: 10 mar. 2020.



SEMUELS, ALANA. The World Has an E-Waste Problem. Time, [S. l.], p. 1-1, 23 maio 2019. Disponível em: <https://time.com/5594380/world-electronic-waste-problem/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SHUTTER RELEASE (EUA). Going Green: Find Out If Analogue or Digital Photography is More Environmentally Friendly. Shutter Release, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://shutterreleaseworld.com/analogue-or-digital-photography-is-more-environmentally-friendly/> Acesso em: 17 jun. 2021.

SULLIVAN, Cody. Characterizing Interglacial Periods over the Past 800,000 Years. Eos Science News by AGU, [S. l.], p. 1-1, 2 mar. 2016. Disponível em: <https://eos.org/research-spotlights/characterizing-interglacial-periods-over-the-past-800000-years>. Acesso em: 10 maio 2021.

TYLER Shields Interview // Intentionality with Photography. Direção: Film Supply Club. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: Tyler Shields Interview // Intentionality with Photography. Acesso em: 14 nov. 2020.

URTH MAGAZINE (EUA). Is Analogue or Digital Photography More Environmentally Friendly?. Urth Magazine, [S. l.], p. 1-1, sem data. Disponível em: <https://urth.co/magazine/analogue-versus-digital-photography-eco-friendly/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

UNITED STATES ENVIRONMENTAL PROTECTION AGENCY (EUA). Basic Information about Lead Air Pollution. United States Environmental Protection Agency, [S. l.], p. 1-1, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.epa.gov/lead-air-pollution/basic-information-about-lead-air-pollution>. Acesso em: 17 jun. 2021.

WHAT happens when nature goes viral?. [S. l.]: Vox, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ltjc14Fm-gs&ab\\_channel=Vox](https://www.youtube.com/watch?v=ltjc14Fm-gs&ab_channel=Vox). Acesso em: 16 jun. 2021.